

Posse solene marca início da gestão Albertoni

Embora já tivesse assumido o comando da Unifesp desde 8 de fevereiro, empossado pelo ministro da Educação, foi no dia 6 de março que a Universidade finalmente assistiu à cerimônia oficial de transmissão do cargo de reitor para o prof. dr. Walter Manna Albertoni.

Após apresentações do Coral da Unifesp e uma saudação proferida pelo docente Paulo Pontes, relembando a vida e carreira do novo reitor dentro da Universidade, a plateia que lotou o Teatro Marcos Lindenberg assistiu à tradicional troca do barrete verde pelo vermelho, que caracteriza e difere a beca utilizada pelos reitores em ocasiões formais.

Em seguida, num discurso emocionado, Albertoni destacou a importância daquele instante, como “um acontecimento muito importante na minha vida profissional e acadêmica”, completando que aquela conquista representava, simultaneamente “uma honra e uma grande responsabilidade”.

Nesta sua fala, o novo reitor lembrou que a instituição passou recentemente por significativa transformação, tornando-se “uma Universidade plena”, Um caminho que enriqueceu a Unifesp, com a criação de cursos nas três grandes áreas do conhecimento. Segundo Albertoni, esse é um processo que ainda está em andamento. “Temos um importante de-

safio e vamos continuar nossa expansão com os campi de Santo Amaro e Osasco”.

Antes de encerrar seu discurso, o reitor também ratificou publicamente alguns de seus planos mais imediatos para a gestão (veja mais detalhes em entrevista nas págs. 4 e 5). “Entre nossos desafios, estão a reforma do estatuto, a mudança de local da Reitoria, reformulação da assistência estudantil e federalização do hospital universitário. Queremos uma relação de mais transparência

em todas as ações”, concluiu.

A cerimônia contou com a presença de membros do Conselho Universitário, de representantes das entidades que congregam docentes, alunos e funcionários da Unifesp, além de autoridades como os prefeitos de Diadema, Mario Realy, e de São José do Campos, Eduardo Cury; do procurador do Ministério Público Federal, dr. Sérgio Suiama; do secretário municipal da Saúde de São Paulo, Januário Montone; do secretário municipal de Esportes, Lazer e Recrea-

ção de São Paulo, Walter Feldman; do secretário municipal do Verde e Meio-Ambiente de São Paulo, Eduardo Jorge; do deputado federal Arnaldo Faria de Sá; do vereador paulistano Gilberto Natalini; ao lado de personalidades do meio acadêmico, como os professores Marco Antônio Raupp, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e Tarcísio Eloi Pessoa de Barros Filho, diretor em exercício da Faculdade de Medicina da USP.



O Prof. Dr. Walter Manna Albertoni recebe o barrete vermelho das mãos do Prof. Dr. Enio Buffolo

**Células-tronco são armas
contra insuficiência renal**

Pesquisa página 3

**Reitor anuncia planos
e prioridades**

Entrevista páginas 4 e 5

**70 anos da Escola de
Enfermagem**

Comunidade página 7

**Hospital São Paulo
recebe prêmios para
os transplantes**

Notas página 8

Editorial

Os primeiros passos

Nesta primeira edição do ano, o *Jornal da Unifesp* traz os planos, prioridades e desafios do novo reitor, que terá a tarefa de conduzir os rumos da instituição nos próximos quatro anos.

Apresenta também uma gama de assuntos tão variada quanto o universo de interesses de nossa comunidade. No campo da pesquisa, dois exemplos de trabalhos científicos com potencial para melhorar a qualidade de vida da população brasileira. Um deles abre a possibilidade de, no futuro, lançar mão de células-tronco para combater a insuficiência renal aguda. Outra pesquisa propõe uma nova técnica, menos invasiva, para enfrentar um tipo de tumor cerebral muito comum em crianças.

Se pensarmos na tradição e na história de nossa Universidade, vale recomendar a leitura da matéria que festeja os 70 anos de existência de nossa Escola Paulista de Enfermagem, que há tantas décadas forma profissionais dedicados à arte de cuidar de vidas, unindo técnica e carinho.

Na área assistencial, abordamos a interessante relação entre os pacientes das alas pediátricas dos hospitais e os brinquedos, que podem ser utilizados não só para permitir melhor interação da equipe de saúde com a criança, mas também para simular situações, suprimir temores e obter mais adesão ao tratamento. Igualmente merece destaque a premiação do Hospital do Rim e Hipertensão como o mais bem avaliado pelos pacientes do SUS em todo o Estado de São Paulo. Um orgulho para toda a comunidade Unifesp.

Boa leitura.



Expediente

Universidade Federal de São Paulo
Ministério da Educação
Reitor: Walter Manna Albertoni
Pró-Reitoria de Graduação: Miguel Roberto Jorge
Pró-Reitoria de Extensão: Eleonora Menicucci de Oliveira
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa: Arnaldo Lopes Colombo
Pró-Reitoria de Administração: Vilnei Mattioli Leite

Jornal Unifesp
Nº 24 - Ano 5 - março de 2009
Publicação do complexo Unifesp/SPDM

Departamento de Comunicação e Marketing Institucional
Diretora: Miriam Baceto
Design gráfico e diagramação: Ângela Cardoso Braga

Responsável editorial:
Ricardo Viveiros & Associados

Editor: Luiz Carlos Lopes (MTb 16.091)

Reportagem: Ada Caperuto, Adriana Lanzi, Ana Carolina D'Angelis, Ana Cristina Cocolo, Carina Eguia, Cristina Pupo, Lara Schulze, Mariana Lenharo, Nathália Gomes, Ricardo Filinto.

Fotografia: Stela Murgel

Impressão: Unifesp
Tiragem: 7 mil exemplares
Periodicidade: mensal

Fale com a gente

Redação, Publicidade e Administração
Rua Botucatu, nº 740 - Vila Clementino - CEP 04023-900
São Paulo (SP)
Tel.: (11) 5085-0279 / 5539-4746 / 5571-4359 / 5579-1328
e-mail: todos.jpta@midia.epm.br
www.unifesp.br/comunicacao/sp

Ação Social

Campus Baixada promove ações de saúde e lazer para crianças moradoras em cortiços

Alunos e professores do campus Baixada Santista realizaram no dia 27 de novembro a última atividade educacional/recreativa do ano no Projeto Saúde no Centro, desenvolvido junto à comunidade dos cortiços da região central de Santos. As ações acontecem na quadra de esportes localizada em frente à sede da Associação dos Cortiços do Centro (ACC) e englobam testes para medir a agilidade de crianças com idades entre 3 e

13 anos, além de brincadeiras com jogos e música. As oficinas de recreação têm caráter educativo, cultural e esportivo, com objetivo de acompanhar e promover o desenvolvimento físico-motor, nutricional e de alguns aspectos psicológicos de um grupo de crianças residentes, em sua maioria, nos cortiços do Centro. Também já foram realizadas oficinas de confecção de malabares, bolas e fantoches com performances e atividades com li-

teratura infantil para estimular a leitura. O Projeto Saúde no Centro, que existe há mais de um ano, foi criado para combater problemas como os altos índices de mortalidade infantil, gravidez de adolescentes e doenças crônicas como hipertensão e diabetes no local, que concentra habitações precárias, onde faltam ventilação, iluminação e espaços de lazer.

Comunidade

No dia 15 de março, o curso de Enfermagem da Unifesp completou 70 anos de serviços prestados à formação de pessoal altamente especializado, numa trajetória que se confunde com o longo processo de profissionalização e valorização da atividade no Brasil e no mundo, evoluindo de um trabalho puramente voluntário e assistencial para uma profissão com técnicas, saberes e áreas de atuação definidas.

Mas, para contar sua história, é preciso falar um pouco do momento vivido pelo país quando da estruturação do curso. Em 1939, o Brasil estava sob o comando de Getúlio Vargas, que assumiu o poder após o golpe militar realizado dois anos antes. Na época, a cidade de São Paulo crescia impulsionada pelas oportunidades de trabalho na indústria e na lavoura cafeeira. Embora houvesse um regime ditatorial, nos campos da Ciência e da Educação havia espaço para investimentos.

Visualizando este cenário, em 15 de março de 1937, o médico e diretor da Escola Paulista de Medicina, professor Octávio de Carvalho, inicia gestões para fundar a Escola de Enfermagem. Em 1938, o professor Álvaro Guimarães Filho obtém autorização para iniciar um curso de enfermagem obstétrica. A Escola Paulista de Medicina pede mediação da Arquidiocese de São Paulo para conseguir religiosas enfermeiras para organizar a nova escola. O então Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar D' Afonseca e Silva, conseguiu a vinda de religiosas francesas da Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria. Em 1939, a Escola recebe autorização da Divisão de Ensino Superior e começa a funcionar concomitantemente ao curso de Enfermagem Obstétrica.

O novo curso seguiria os moldes da já existente Escola de Enfermagem Anna Nery, primeira do país e criada no Rio de Janeiro, em 1923. Como primeiros professores, atuaram alguns médicos da ainda jovem Escola Paulista – criada cinco anos antes – e as religiosas Marie Fontenelle, Marie St. Hermeland, Marie de Lenaik, Saint Domic e Marie Domineuc, todas vindas da França, numa interação entre fé e assistência a enfermos que era muito comum naquele período.

Fé e preconceito

De fato, a própria função de enfermeiro teve origem como um trabalho voluntário, dominado exclusivamente pelas mulheres. “A profissão nasceu da necessidade de cuidar dos soldados que lutavam e retornavam das guerras. Para esta tarefa, inicialmente



Curso de Enfermagem completa 70 anos



Franciscanas Missionárias de Maria - residência da Escola de Enfermeiras da EPM (foto acima) e enfermaria do Hospital São Paulo (abaixo)

buscavam pessoas que tinham tempo livre e por isso chegou a haver preconceito social contra quem exercia esse trabalho”, conta a enfermeira aposentada e professora Mariana Fernandes de Souza, que atua há 40 anos. “Quando decidi estudar enfermagem, minha família não aprovou de imediato. Mas, depois de referências sobre o local em que estudaria, por meio de uma conhecida que já estudava nessa escola, me apoiaram”, diz Mariana.

Apesar desse histórico, a inegável importância da função não demoraria a se impor e, com o passar dos anos, ficava cada vez mais visível a necessidade

de contratação de enfermeiras para os hospitais. “No começo, só as mulheres exerciam esta função. E foi através da incansável dedicação delas que o preconceito deu lugar a novos profissionais, inclusive abrindo as portas desse mercado aos homens”, lembra Mariana.

Um curso em evolução

A valorização e sofisticação das ações de saúde foram modificando gradativamente o perfil da profissão, inclusive no Brasil. Em 1962, a escola passou a oferecer o curso em nível superior e, em 1968, recebeu a denominação de Escola Paulista de Enfermagem. A evolução prosseguiu, com a criação dos cursos de especialização em Pediatria e Puericultura (1972) e em Enfermagem do Trabalho e Enfermagem Médico - Cirúrgica (1979), além da retomada da especialização em Enfermagem Obstétrica. “Este crescimento mostra a valorização e importância do enfermeiro não só na área da assistência, mas em outros campos de atuação, por conta de sua formação generalista”.

Atualmente, além da graduação, o curso também oferece mestrado e doutorado, 19 cursos de especialização *on-line* e 21 presenciais, diversos grupos de pesquisa e convênios com universidades, visando à expansão do programa de Pós-Graduação.

Segundo a chefe do Departamento de Enfermagem, professora Alba Lucia Bottura Leite de Barros, mesmo com todas as mudanças na profissão e no curso, cujo currículo engloba hoje o estudo aprofundado das ciências humanas e biológicas, a enfermagem sempre estará voltada para o cuidar. “O cuidado, o desvelo, a consciência e a humanidade exigidas pela função permanecem iguais”.

Um pensamento que continua presente e que somente foi acrescido de outros conhecimentos que permitem ao profissional de enfermagem atuar em diferentes setores, como em laboratórios; no atendimento de urgência, em ambulâncias; na indústria; na administração hospitalar, órgãos públicos de gestão de saúde; na pesquisa – em aspectos psicológicos e sociais; intervenções de enfermagem, estudos dos métodos de cuidar etc. – e no Programa de Saúde da Família, entre outros. “Hoje no país existem mais de vinte sociedades de especialidades para a área de enfermagem”, diz Alba.

Para a chefe do Departamento, a enfermagem continua sendo hoje “a arte de cuidar do paciente, de sua família e da comunidade, numa abordagem humanista fundamentada na evolução dos princípios da ciência”.

Entrevista

Albertoni propõe gestão transparente e participativa

Jornal Unifesp - *Entre as prioridades discutidas durante a campanha eleitoral, quais são as ações que o senhor implantará de imediato?*

A grande prioridade é, realmente, buscar uma forma de trabalho transparente, envolvendo, sempre que possível, a comunidade. Vamos buscar um novo desenho de universidade, com a reativação imediata da Comissão de Reforma do Estatuto. Apesar de essa discussão ser demorada, já que engloba vários setores e inúmeros detalhes, a prioridade é, até o final do primeiro semestre, reestruturar as instâncias de poder dentro da Universidade, com um Conselho Universitário diferente, eleito, e que seja representativo para todos os *campi* e todas as áreas de atuação da instituição.

Outro compromisso assumido perante os estudantes foi o de criar uma assessoria especial para atendimento estudantil, não apenas para graduandos, mas também para pós-graduandos e residentes, com a presença de um assessor, que ajudará na discussão e na solução das necessidades dos alunos.

O planejamento também será prioridade desta gestão. É impossível administrar a Universidade, no porte e na complexidade que se encontra hoje, sem um setor de planejamento.

Jornal Unifesp - *E como será esse planejamento?*

A princípio, criaremos uma secretaria que, futuramente, será transformada em Pró-Reitoria de Planejamento. Este será um núcleo pensante da Universidade que queremos projetar para o futuro. A idéia é que esse novo setor apresente estudos estratégicos para organizar o desenvolvimento da Universidade e modificar a forma de gestão e orçamento, coisas que atualmente estão a cargo da Reitoria e Pró-Reitoria de Administração.

Em São Paulo, somos um *campus* urbano, com inúmeras casas. É preciso um plano diretor para reorganizar a ocupação dos espaços. O próprio Parque Tecnológico de São José dos Campos é um exemplo dos setores que precisam de planejamento para melhor desenvolvermos nossa Universidade.

Em sua primeira entrevista como reitor da Unifesp, Walter Manna Albertoni fala sobre suas prioridades e os desafios que o aguardam nos próximos anos.

Jornal Unifesp - *Como fica a relação Unifesp/SPDM?*

Estamos buscando, por meio de reuniões, incentivar a reforma de seu estatuto o mais breve possível, para que haja uma nova forma de gestão da SPDM. O relacionamento entre SPDM e Unifesp vai passar por uma transformação, obedecendo a todas as características e necessidades jurídicas. Principalmente, considerando as regras e obrigações que nós temos como uma universidade pública. Mesmo com toda a boa intenção, mesmo com todo o apoio que nos dá a SPDM e que é praticamente inseparável da Unifesp, precisa ser modificada a transferência de recursos, para que a gestão seja mais transparente e não dê margem a dúvidas sobre todo o trabalho desempenhado por essa parceria.

Jornal Unifesp - *E com relação ao Hospital São Paulo?*

A respeito do Hospital São Paulo, realmente temos uma situação ímpar. Ele é o hospital de ensino de uma universidade federal, mas é privado, com metade dos funcionários federais e a outra metade contratada pelo sistema de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). As verbas que vêm do SUS passam da Universidade para o centro de custos do hospital, que não é federal. Isso cria um problema jurídico que em outras universidades não existe, levando a interpretações errôneas. Legalmente, isso não pode continuar como está. As mudanças serão feitas e vamos tratar disso muito firmemente. Se não é intenção do governo federal abrir mais concursos públicos, ao menos parece que há empenho em apoiar alternativas, como as fundações. Todos estão buscando soluções para esse problema. Um caminho para melhorar não apenas o ensino público, como também o atendimento à população.

Jornal Unifesp - *Acha possível fazer todas essas mudanças dentro de uma única gestão?*

É difícil falar em tempo. Nós não podemos perder tempo. Temos que começar a tocar tudo. Depois, o que não for possível ser finalizado, que esteja, ao menos, bem encaminhado. O que temos é muita vontade de acertar as coisas do ponto de vista administrativo, pois a situação como está confunde a todos. A expansão nos levou a um problema de gestão, seja pelas dificuldades que temos ou pelas regras, que não são muito claras.

Jornal Unifesp - *Como aperfeiçoar ainda mais a pesquisa na Universidade?*

Temos uma das maiores e mais respeitadas produções científicas do país. Mas sempre há formas de aperfeiçoá-la, e existem algumas propostas nesse sentido, que devemos estar dispostos a discutir. Há quem defenda uma separação entre a pesquisa e a pós-graduação. Assim, um grupo se dedicaria mais à formação de mestres e doutores, e outro reuniria os pesquisadores de carreira, que poderiam interagir, trabalhar em grupos e aumentar a produtividade. Essa é uma idéia. Sei que tem opiniões contrárias a isso também. Nosso papel é estimular a discussão.

Jornal Unifesp - *O senhor comandou, até o ano passado, as atividades de extensão. Como garantir-lhes mais espaço e recursos na instituição?*

Nosso exame de Residência Médica, que é modelo de qualidade e atrai um grande número de candidatos de todo o país, tem gerado uma receita que temos utilizado para oferecer bolsas de extensão a estudantes e para financiar projetos sociais. Os cursos de especialização e aperfeiçoamento *lato sensu*, agora reorganizados e sem propiciar questionamentos jurídicos, também vão gerar um superávit que, administrado pela Fap, poderá ser reaplicado nas atividades de extensão e em outras necessidades da Unifesp.

Jornal Unifesp - Como pretende enfrentar os desafios ainda decorrentes do processo de expansão?

Nunca faltaram recursos financeiros para a expansão. Mas nossa estrutura física e a burocracia própria do serviço público não permitiram que as coisas acontecessem na velocidade que nos foi proposta. E quando tentamos agilizar o processo, contratando via Fap os serviços de construção de laboratórios em Diadema, por exemplo, tivemos o questionamento do Ministério Público, paralisando as obras e retardando o início das aulas. Aprendemos com isso e, de agora em diante, se abrirmos novos cursos ou um novo *campus*, devemos ter um mínimo de estrutura física antes de começarmos.

Jornal Unifesp - No ano passado, a Unifesp recebeu muita pressão de órgãos fiscalizadores do governo e da mídia. Como avalia esse período tempestuoso?

Todas as críticas que recebemos, no fundo, foram resultantes de problemas de gestão e de interpretação jurídica. Tirando as questões ligadas ao cartão corporativo, todas as demais estiveram ligadas à relação da Unifesp com a SPDM, o Hospital São Paulo e a Fap. Existe hoje no país um debate importante entre o Executivo, o Judiciário e o Ministério Público sobre o papel das fundações e organizações sociais e sua relação com as instituições públicas. Estamos no meio desse debate. Algumas autoridades, quando fazem questionamentos sobre atos administrativos, passam a idéia de que está acontecendo o maior absurdo. A mídia, por sua vez, acredita que há dolo e fica repetindo tudo. Nossa Universidade, mais que qualquer outra, está sendo auditada pela Controladoria Geral da União, Tribunal de Contas da União, Ministério Público Federal e Polícia Federal. O importante é achar uma forma, daqui para a frente, de acertar a gestão, para que não deixe margem a qualquer dúvida. Todos os questionamentos foram sempre respondidos. Mas a repercussão, a meu ver exagerada, dessas acusações de dolo pela imprensa, aliada ao fato de não termos conseguido atender a muitas das necessidades de professores e alunos, principalmente dos novos *campi*, criou um clima de insatisfação e desconfiança. Agora, eu espero que todas as partes estejam mais desarmadas e dispostas a conversar sobre essas interpretações da lei.



“É difícil falar em tempo. Nós não podemos é perder tempo. Temos que começar a tocar tudo. Depois, o que não for possível ser finalizado, que esteja, ao menos, bem encaminhado. O que temos é muita vontade de acertar as coisas do ponto de vista administrativo (...).”

Por dentro da Unifesp

Brinquedo ainda é pouco usado como recurso terapêutico em hospitais



A valorização do brinquedo nos cuidados à saúde da criança ainda não é uma unanimidade nos hospitais e unidades de saúde. Mais do que fazer a criança “esquecer” a doença, a brincadeira pode revelar necessidades e sentimentos do pequeno paciente e ajudá-lo a compreender as situações e os procedimentos diagnósticos e terapêuticos pelos quais passará, favorecendo sua tranquilidade, segurança e aceitação do tratamento, além de facilitar o convívio com os profissionais de saúde.

O brinquedo terapêutico se constitui numa forma de brincar estruturada para aliviar as tensões da criança e deve ser utilizado sempre que ela tenha de lidar com uma situação atípica e ameaçadora para sua idade como, por exemplo, uma internação no hospital. É importante enfatizar, no entanto, que, embora toda brincadeira seja potencialmente terapêutica, nem todo brincar é definido como terapêutico.

Existem três tipos de brinquedo terapêutico: o dramático ou catártico; o instrucional; e o capacitador de funções fisiológicas.

O brinquedo dramático tem por objetivo permitir a descarga emocional da criança. Assim, oferece-se a ela material apropriado – bonecos representativos da família e da equipe de saúde, material de uso doméstico ou de uso hospitalar e outros – para que descarregue as tensões e se expresse sobre alguma

situação vivenciada, favorecendo a compreensão de suas necessidades pelo enfermeiro.

O brinquedo instrucional tem a finalidade de prepará-la para um procedimento a que será submetida, como uma coleta de sangue simulada em um boneco, usando-se, de preferência, instrumentos reais. Após a simulação, o enfermeiro convida a criança a brincar e a manusear o material verdadeiro.

Já o brinquedo capacitador de funções fisiológicas tem como meta potencializar o uso dessas funções na criança, de acordo com suas necessidades e condições físicas como, por exemplo, promover uma gincana de fazer bolas de sabão ou de encher bexigas, para favorecer a recuperação de seu padrão respiratório.

Uso ainda é restrito

Apesar de o tema integrar o currículo do curso de Enfermagem da Unifesp desde a década de 80, de ser abordado nos livros nacionais e internacionais de Enfermagem Pediátrica e de o Conselho Federal de Enfermagem recomendar sua utilização, determinando a competência de sua prática pelo enfermeiro desde 2004, a utilização do brinquedo terapêutico nos hospitais e outros equipamentos de assistência à saúde ainda é bastante restrita e voltada principalmente a distrair a criança ou simplesmente “fazer o tempo passar”.

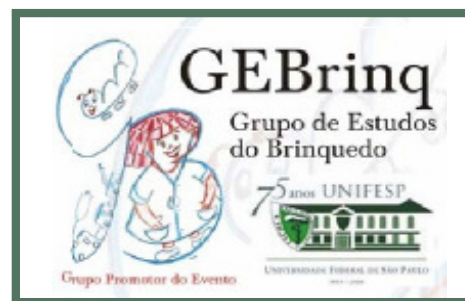
Ainda há quem confunda o brinquedo terapêutico com a ludoterapia. Segundo as professoras do curso de Enfermagem da Unifesp, Circéa Amalia Ribeiro e Regina Issuzu Hirooka de Borba, o brinquedo terapêutico, embora possa ser utilizado por outros profissionais, foi desenvolvido no contexto da enfermagem e não se propõe a ser uma psicoterapia.

O uso desse instrumento, segundo as docentes, contribui para que a criança se sinta respeitada, compreenda melhor os processos pelos quais vai passar no contexto hospitalar e, como consequência, fique mais cooperativa. Trata-se, portanto, de um procedimento benéfico tanto para a criança como para sua família e para o profissional.

Interesse crescente

O interesse pelo tema vem crescendo, e em outubro de 2008 ocorreu o I Simpósio “O brinquedo e a Assistência de Enfermagem à Criança e sua Família”, juntamente com o II Workshop “Brincando com a Criança: Estratégia Integradora da Assistência de Enfermagem”, eventos promovidos pelo Grupo de Estudos do Brinquedo – GEBrinq, do Departamento de Enfermagem da Unifesp, que reuniu cerca de 290 participantes entre profissionais e estudantes de diferentes áreas do conhecimento, como enfermeiros, psicólogos, pedagogos, fisioterapeutas, odontopediatras, terapeutas ocupacionais e educadores físicos.

O evento promoveu discussões e troca de experiências relativas à utilização da atividade de brincar enquanto instrumento/modelo de assistência de enfermagem à criança e à família, assim como ao ensino e à pesquisa. Para contemplar esse objetivo, a programação abordou outras atividades lúdicas que têm se mostrado positivas no contexto da assistência à criança, como a interatividade via internet, a utilização da música, o *clown* e a terapia assistida por animais.



Pesquisa

Células-tronco recuperam animais com insuficiência renal

Pesquisa da Unifesp pode contribuir, no futuro, para prevenção – ou até mesmo a cura – da insuficiência renal aguda ou causada por diferentes etiologias. O estudo, que será tema de doutorado da nefrologista Luciana Reis, mostra que as células-tronco ajudaram na recuperação de rins de 50 ratos que tiveram sua função prejudicada pelo uso de medicamentos que combatem as infecções agudas.

Depois de os animais receberem injeções com esses antibióticos e desenvolverem insuficiência renal aguda, foram injetadas na corrente sanguínea

células-tronco retiradas da medula óssea. Apesar de a maior parte das células desaparecerem, as que encontraram a lesão foram capazes de recuperar o órgão danificado.

De acordo com Nestor Schor, professor adjunto da disciplina de Nefrologia da Unifesp, as células-tronco injetadas não apenas ajudaram a melhorar a função renal de filtrar o sangue dos animais tratados, como também eliminaram as substâncias tóxicas de seus organismos. Foi verificada melhoria da creatinina – cuja taxa elevada no sangue é marcador de insuficiência renal –, da uréia, do sódio

e do potássio. Para Schor, os dados sugerem ser necessário que a lesão já esteja instalada para a co-localização destas células e que, talvez, a prevenção seja menos eficiente que o tratamento.

Esse trabalho foi um dos apresentados durante o 3º Simpósio Multidisciplinar sobre Células-Tronco, realizado de 25 a 27 de novembro e promovido pela Unifesp. O evento contou com a presença de especialistas de diversas partes do país e da pesquisadora Ilaria Bellantuono, da Universidade de Sheffield, Inglaterra.

Unifesp inova tratamento de tumor cerebral

A nova forma de tratamento dispensa internação e leva a medicação diretamente ao centro do craniofaringioma, tumor que, apesar de benigno, apresenta recidivas e acarreta sérias complicações hormonais, incidindo fortemente sobre as crianças. Com o método, que já está sendo utilizado na Itália, Canadá e Chile, é possível controlar a duplicação celular e evitar possíveis consequências negativas de uma cirurgia cerebral para retirada total do tumor.

A técnica, desenvolvida pelo neurocirurgião pediátrico e professor titular do Departamento de Neurocirurgia da Unifesp, Sergio Cavalheiro, consiste na introdução, por via endoscópica, de um cateter subcutâneo, com reservatório, que leva o medicamento diretamente até o tumor. A

quimioterapia intratumoral é realizada com intervalos de um dia e dura cerca de um mês.

O procedimento é realizado ambulatorialmente, evita a intervenção cirúrgica e faz com que o craniofaringioma seja controlado como uma doença crônica, com redução dos riscos de sequelas e do agravamento do quadro hormonal do indivíduo. Cerca de 40 crianças estão em acompanhamento no Brasil, Itália, Canadá e Chile – sob a supervisão do neurocirurgião – e mostrando excelentes resultados.

No Brasil, o método foi aplicado em 21 crianças, entre 2000 e 2006, e os resultados viraram tema de doutorado da neurocirurgiã Patrícia Dastoli. A análise do tamanho do tumor após doze aplicações mostrou que, em onze pacientes

(52,4%), a redução do tumor foi de 90% a 98%. Em outras sete crianças (33,3%), a redução foi considerada parcial e variou de 81% a 88%. Apenas em três delas (14,3%), a resposta ao tratamento foi menor e ficou entre 60% e 64%. “Há casos nos quais foi necessário aplicar mais de um ciclo e, mesmo assim, os resultados foram promissores”, afirma Cavalheiro.

A análise do líquido retirado dos reservatórios dos pacientes antes de nova aplicação da quimioterapia confirmou que o tratamento foi capaz de promover apoptose no craniofaringioma. A descoberta rendeu ao neurocirurgião o prêmio A.J. Raimondi, pela Sociedade Internacional de Neurocirurgia Pediátrica, em Liverpool, em 2007. “Uma das vantagens é que o procedimento pode ser utilizado sempre que houver recidivas”.

Craniofaringioma

Apesar de benigno e de representar entre 3% e 10% de todos os tumores intracranianos, o craniofaringioma é considerado um “supertumor” devido à sua topografia extremamente complexa. Geralmente, só são detectados quando começam a comprimir estruturas cerebrais importantes ao seu redor, causando dores de cabeça, distúrbios visuais, vômitos e déficit cognitivo.

Para a ressecção total do tumor, é preciso cortar a haste da hipófise, ocasionando sérios distúrbios hormonais. “Como é comum apresentar recidivas mesmo após sua ressecção total, a cada nova cirurgia o risco de acarretar déficits neurológicos ao paciente aumenta significativamente”, explica o neurocirurgião. “Além disso, mesmo com um rígido controle hormonal por meio de medicamentos, é comum apresentarem colesterol alto, obesidade, diabetes, déficit de crescimento em crianças, puberdade tardia e, em longo prazo, distúrbios psicológicos e psiquiátricos severos, devido à baixa estima”.

Notas

Hospital São Paulo recebe três prêmios no "Oscar" dos transplantes

A Secretaria de Estado da Saúde premiou, em fevereiro, oito hospitais paulistas responsáveis por 45% dos transplantes de órgãos e tecidos no Estado de São Paulo em 2008. Entre os dez prêmios oferecidos, três foram obtidos pelo Hospital São Paulo, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

A instituição liderou na capital paulista os transplantes de córneas (275 cirurgias), rins (295) e pâncreas (43).

O Prêmio Destaque em Transplantes é considerado uma espécie de "Oscar" do setor e tem como objetivo incentivar o trabalho dos profissionais de saúde para ampliar ainda mais o número de doadores e cirurgias nos próximos anos.

FAP apóia campanha contra mortalidade materna e infantil

No Mês da Mulher, uma exposição de quadros buscou conscientizar a população e as autoridades da saúde sobre o drama mundial da morte anual de 3 milhões de crianças e 530 mil mulheres pela falta de atenção adequada durante a gravidez e o parto. Evento aconteceu de 8 a 14 de março, no Hotel Maksoud Plaza e contou com apoio da Organização Mundial da Saúde (OMS), da Assessoria Internacional da Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo (Fap) e do Hospital e Maternidade Santa Joana – Pro Matre.

No Brasil, também segundo a OMS, ainda ocorrem 110 mortes maternas a cada 100 mil nascidos vivos. Já a taxa de mortalidade de recém-nascidos é ainda maior: 13 a cada mil nascidos vivos.

A mostra trouxe ao país 16 quadros que em estilo *pop art* retratam mulheres jovens, bonitas e saudáveis, de diferentes etnias. A intenção é mostrar a igualdade dentro da diversidade e lembrar que esta é uma questão que interessa a todas as mulheres. (<http://www.who.int/reproductive-health/artforhealth/index.htm>).

XI Congresso de Morfologia

Comemorando 75 anos da disciplina de Anatomia e Histologia e do professor José Carlos Prates, a Unifesp realizou dia 12 de dezembro o XI Congresso de Pós-Graduação em Morfologia, com a conferência de abertura "Leonardo da Vinci: filosofia, ciência e arte", proferida pelo filósofo Eduardo Henrique Peiruque Kickhofel, professor da Unifesp Guarulhos. "Ele foi pioneiro da ilustração anatômica e, para ele, a anatomia tinha de ser desenvolvida através do desenho", esclarece o professor Kickhofel.



Terapia familiar e de casais

A Unidade de Intervenção e Estudos com Família e Comunidade da Unifesp promove o curso de especialização em "Intervenção e Prática Sistêmica com Família – Terapia Familiar e de Casal". Com 700 horas de duração e aulas quinzenais às sextas (19h às 22h) e sábados (8h às 18h), o curso oferece 50 vagas e destina-se a profissionais das áreas da saúde, educação e serviço social.

Inscrições até 25 de março no site <http://procdados.epm.br/dpd/proex/index.htm>. Haverá um processo seletivo para o qual deverá ser agendada uma entrevista pessoal pelo e-mail familiaunifesp@hotmail.com no período de 1º a 5 de abril. Outras informações pelos telefones 5576-4717 / 5576-4718.

Zoológico pode ser "berçário" de medicamentos

No dia 9/12, foi assinado convênio entre a Fundação Parque Zoológico de São Paulo e a Unifesp para desenvolvimento de pesquisas tendo como ponto de partida a biomassa gerada pela coleta de restos de plantas, fezes, alimentos e até de carcaças de animais. O acordo resultará na montagem de um laboratório de microbiologia no Zoológico, que cederá técnicos e espaço físico, enquanto a Universidade colocará à disposição docentes e pesquisadores dos *campi* de São Paulo e Diadema.

Segundo Luiz Juliano Neto, professor do Departamento de Biofísica da Unifesp e um dos coordenadores do projeto, a identificação de microorganismos e substâncias com aplicações nas indústrias farmacêutica, cosmética, têxtil e de combustíveis, entre outras, é uma vertente científica que já vem apresentando resultados positivos nos últimos anos. O professor da Unifesp destaca que alimentos probióticos têm conquistado fatias cada vez maiores do mercado e que enzimas têm prestado serviços à indústria, no processo de degradação de proteínas e materiais como garrafas PET.



HSP reforma ala de Ginecologia

A unidade de internação, a sala de histeroscopia e o Anfiteatro localizados no 7º andar do Hospital São Paulo foram entregues totalmente reformados no dia 25 de novembro. A adequação faz parte do Programa de Modernização do HSP, que terá prosseguimento com a reforma das alas de Pediatria e Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Na ala de internação da Ginecologia, tudo foi modernizado e humanizado, inclusive com a colocação de cortinas cor-de-rosa para separar os leitos, dando um ar feminino e mais delicado ao ambiente.

Além da revitalização das alas, também foram instalados serviços de apoio como copa, depósito de material de limpeza e sanitários públicos. De acordo com José Roberto Ferraro, diretor superintendente do Hospital, a reforma obedeceu rigorosamente às normas da ANVISA e aos padrões nacionais de qualidade, segurança e acessibilidade, incluindo a correta relação entre o número de leitos e o espaço físico. As obras foram realizadas com apoio financeiro da Secretaria de Estado da Saúde.

